

PADRÃO DE CONSUMO FAMILIAR EM DIFERENTES ESTÁGIOS DE CICLO DE VIDA E NÍVEIS DE RENDA NO MUNICÍPIO DE BAMBUÍ-MG¹

FAMILY CONSUMPTION PATTERN IN DIFFERENT STAGES OF THE LIFE CYCLE AND INCOME IN BAMBUÍ, MG

Érik Campos Dominik²
Neuza Maria da Silva³
Maria das Dores Saraiva De Loreto⁴
José Ferreira de Noronha⁵

1. RESUMO

O padrão de consumo das famílias possui relação bastante estreita com os níveis de renda e com os estágios do ciclo de vida familiar (CVF), na medida em que há uma tendência de maiores gastos com despesas essenciais nos menores níveis de renda e com saúde nas famílias nos estágios finais, por exemplo. O objetivo deste trabalho é analisar o padrão de consumo das famílias de Bambuí em função da renda, dos estágios do CVF e dos substratos formados por estas variáveis. Realizou-se uma pesquisa descritiva e explicativa, com amostra significativa de domicílios urbanos. Os resultados mostraram que despesas essenciais, como alimentação e habitação, variaram mais com a renda que com os estágios do CVF, enquanto esta última variável afetou outros itens básicos, como vestuário e saúde. Outros itens menos básicos foram afetados fortemente por ambas as variáveis, como transporte e educação particular, enquanto outros pouco se alteraram.

Palavras-chaves: Ciclo de vida. Consumo familiar. Níveis de renda.

¹ Artigo proveniente de dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa/MG.

² Professor do Depto. Ciências Gerenciais do Campus Bambuí Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Minas Gerais – IFMG Campus Bambuí, MG, Brasil e mestrando em Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa-MG-Brasil. IFMG – Campus Bambuí – Gabiroba - Bambuí-MG, 38900-000. (erik.dominik@ifmg.edu.br).

³ Prof^a do Depto. Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, UFV - Departamento de Economia Doméstica – Viçosa-MG-Brasil 36570-000 (neuzams@ufv.br)

⁴ Prof^a do Depto. Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, UFV - Departamento de Economia Doméstica – Viçosa-MG-Brasil 36570-000. (neuzams@ufv.br).

⁵ Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás, antes cedido ao IFMG. Instituto Federal Minas Gerais – Campus Bambuí – Bambuí-MG-Brasil 38900-000 (jose.noronha@ifmg.edu.br)

2. ABSTRACT

The family consumption pattern has a quite narrow relationship with the income levels of income and with the family life cycle stages (FLC), insofar as there is a tendency of consumer with essential expenses in the smallest income levels and with health in the latest families, for instance. The objective of this work is to analyze the family consumption pattern of Bambuí in function of the income, of the FLC stages and of the sub-categories formed by these variables. For this, a descriptive and explanatory research questioned a significant sample of urban homes. The results showed that essential expenses, as feeding and house, varied more with the income than with the FLC stages, while this last variable affected other basic items, as clothing and health. Other less basic items were affected strongly for both variables, as transport and education private, while other little lost temper.

Key words: Life cycle. Family consumption. Income levels.

3. INTRODUÇÃO

A manutenção do padrão de vida das famílias possui relação bastante estreita com o consumo familiar em função do nível de renda, na medida em que as famílias de renda baixa destinam percentuais maiores para despesas essenciais e as de renda alta destinam maiores percentuais para itens que lhes trazem mais *status*. Segundo o IBGE (1997), famílias em diferentes classes de renda gastam diferentes percentuais de recursos em despesas de consumo familiar.

Por outro lado, já há algumas décadas os estudos apontam uma relação íntima entre o consumo familiar e os estágios do ciclo de vida familiar (CVF). As variações no consumo de acordo com os estágios do CVF, segundo Karsaklian (2009, p. 214), explicam “melhor do que a idade a compra de bens duráveis” e revelam “melhor as atividades de lazer do que a idade ou a classe social”, por exemplo. As famílias constituídas apenas por um casal tendem a ter uma estrutura de consumo diferente daquelas que possuem filhos pequenos, que, por sua vez, distinguem-se das que possuem filhos adolescentes ou que estão no “ninho vazio”.

Entretanto, são escassas as pesquisas que tratam dos componentes do consumo doméstico combinados com os estágios do CVF em que se encontram as famílias e de acordo com os níveis de renda. Problematiza-se que, dentro do mesmo estágio do CVF, rendas diferenciadas podem apontar

níveis de consumo diferenciados, ao passo que, dentro do mesmo nível de renda, diferentes estágios do CVF também podem revelar níveis de consumo distintos.

O presente trabalho, portanto, analisou o consumo das famílias em diferentes estágios do CVF e níveis de renda, buscando responder questões como: que mudanças ocorrem no consumo de famílias em diferentes estágios do CVF e níveis de renda? Que estágios do CVF induzem a níveis de consumo diferenciados?

O estudo visa, portanto, contribuir para o avanço das pesquisas que tratam do padrão de consumo familiar em diversos estágios de ciclo de vida e níveis de renda em municípios de pequeno porte, além de servir de base para a proposição e/ou adequação de políticas públicas nestas localidades.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar o padrão de consumo das famílias de Bambuí-MG, considerando o ciclo de vida familiar e diferentes níveis de renda, para servir de base para políticas públicas em localidades de pequeno e médio porte.

4.2 Objetivos específicos

- Descrever o perfil socioeconômico e demográfico das famílias.
- Examinar o padrão de consumo das famílias em função da renda familiar.
- Analisar o padrão de consumo das famílias em função dos estágios do CVF e dos substratos formados pela combinação entre níveis de renda e os estágios do CVF.

5. REVISÃO DE LITERATURA

O consumo é um fenômeno que depende de fatores econômicos, psicológicos e sociológicos que afetam o comportamento do consumidor. Para Sandroni (1989, p. 65), o consumo é a

“utilização, aplicação, uso ou gasto de um bem ou serviço por um indivíduo ou uma empresa”, mas também é “um fenômeno denso que envolve diferentes dimensões da experiência cotidiana” (ROCHA E BARROS, 2008, p. 187). Neste trabalho, optou-se por considerar os fatores econômicos, sobretudo a renda, além dos estágios do CVF, que também compõem o objeto de estudo.

A renda é um dos principais fatores que explicam o comportamento do consumidor, pois o indivíduo tende a adequar, pelo menos no longo prazo, seus gastos à sua restrição orçamentária. A propensão marginal a consumir da sociedade atual é alta, sobretudo nas classes com rendimento mais baixo, o que contribui para o aumento do consumo quando a renda sobe e vice-versa. Entretanto, em casos específicos, isso vai depender da elasticidade-renda da demanda, que dimensiona a sensibilidade do consumo em face à variação da renda. O aumento ou redução da renda conduz a mudanças no orçamento do consumidor e, conseqüentemente, a novos pontos de equilíbrio, gerando a curva de renda-consumo, da qual se deriva a Curva de Engel, que interliga os pontos de maximização de consumo conforme as variações de renda e cuja inclinação não é fixa ao longo da mesma.

Tais derivações fizeram possível que Ernest Engel chegasse ao que se pode chamar de Leis de Engel, que, resumidamente, podem ser tratadas da seguinte maneira, conforme Bennett e Kassarijian (1975, p. 40):

1. À medida que a renda cresce, a proporção gasta em alimentação decresce;
2. à medida que a renda cresce, a proporção gasta com habitação e equipamento doméstico permanece mais ou menos a mesma;
3. à medida que a renda cresce, a proporção gasta em vestuário permanece a mesma, ou talvez, aumente um pouco;
4. à medida que a renda cresce, a proporção gasta em luxos cresce.

Para validar as leis de Engel com relação à sociedade brasileira, a Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE traz inúmeras informações que permitem realizar muitas inferências sobre a situação das famílias, como as ilustradas pela Tabela 1.

Tabela 1 – Despesa média mensal familiar brasileira (%) em relação ao rendimento mensal familiar (R\$) segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares de 2002-2003

Itens de despesa	Total	Até 400	+ de 400 a 600	+ de 600 a 1000	+ de 1000 a 1200	+ de 1200 a 1600	+ de 1600 a 2000	+ de 2000 a 3000	+ de 3000 a 4000	+ de 4000 a 6000	+ de 6000
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Alimentação	17,10	32,68	29,76	25,44	23,21	20,90	18,79	16,24	14,51	11,78	9,04
Habitação	29,26	37,15	36,77	35,88	34,33	32,46	31,33	29,17	26,95	26,76	22,79
Vestuário	4,68	5,29	5,70	5,80	5,89	5,61	5,47	4,97	4,71	4,03	3,21
Transporte	15,19	8,15	8,59	10,92	11,79	13,87	14,49	17,09	18,98	18,05	17,26
Higiene e cuidados pessoais	1,79	2,40	2,37	2,35	2,42	2,17	2,31	1,78	1,77	1,40	1,10
Assistência à saúde	5,35	4,08	4,66	4,95	4,93	5,18	5,57	5,40	5,51	5,91	5,62
Educação	3,37	0,80	1,04	1,32	1,78	1,98	2,69	3,50	4,38	5,19	4,89
Recreação e cultura	1,97	0,81	1,06	1,35	1,65	1,70	2,02	2,23	2,47	2,55	2,16
Fumo	0,57	1,14	1,04	0,95	0,98	0,75	0,66	0,53	0,46	0,32	0,23
Serviços pessoais	0,84	0,64	0,68	0,78	0,81	0,79	0,87	0,89	0,96	0,95	0,81
Despesas diversas	2,30	1,46	1,70	1,87	2,26	2,35	2,26	2,10	2,64	2,15	2,79
Outras despesas correntes	10,85	2,55	3,74	4,54	5,27	6,67	7,99	9,72	10,77	14,17	19,00
Aumento do ativo	4,76	2,22	2,19	2,79	3,35	3,58	3,73	4,11	3,57	4,11	8,65
Diminuição do passivo	1,98	0,62	0,72	1,05	1,34	2,00	1,81	2,26	2,33	2,62	2,47

Fonte: POF 2002-2003 (IBGE)

De acordo com os dados da Tabela 1, nota-se uma queda nos gastos com necessidades básicas quando a renda aumenta (alimentação, vestuário, habitação e higiene), enquanto os gastos com transporte, recreação e aumento do ativo crescem, por representarem grupos de despesas que simbolizam maior *status*. No nível mais baixo de renda, com maior proporção dos itens básicos, os demais itens são relativamente menores. A única lei de Engel que se contradisse com o comportamento do consumo foi a terceira, pois o vestuário decresceu nos níveis maiores de renda, ao contrário do enunciado.

Os estágios do CVF explicam várias mudanças no consumo das famílias, o que passa pela segmentação das famílias. Para Lansing e Morgan (1966), as etapas do CVF são naturalmente representadas por momentos decisivos da vida familiar, dos quais emergem três estágios principais: a fase solteira, o estágio do casamento e o estágio do sobrevivente solitário. O estágio do casamento

pode ser dividido ainda em três subdivisões: casais recentes sem filhos; o ninho cheio com filhos dependentes; e o ninho vazio, depois que os filhos saem de casa.

Murphy e Staples (1979, *apud* SARAIVA JR., 2005) observaram três períodos diferentes que demonstram a evolução dos modelos de CVF no século XX. Os períodos foram denominados de *foundation era*, *expansion era* e *refinement era*. Ainda foi possível detectar mais um quarto período, posterior ao trabalho dos autores, sugerido e denominado pelo presente autor de *specific era*.

O primeiro período, ***foundation era***, representou o estabelecimento das bases conceituais do CVF na década de 1930, sendo as principais características a elaboração de modelos com poucos estágios, geralmente em número de quatro. As classificações que representam esta fase são as de Sorokin, Zimmerman e Galpin (1931), Kirpatrick, Cowles e Tough (1934) e Loomis (1936), apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Estágios do ciclo de vida familiar da *foundation era*

ESTÁGIOS DE SOROKIN, ZIMMERMAN E GALPIN (1931)	ESTÁGIOS DE KIRKPATRICK, COWLES E TOUGH (1934)	ESTÁGIOS DE LOOMIS (1936)
1. Casais iniciando sua independência econômica	1. Família pré-escolar	1. Casais sem filhos
2. Casais com um ou mais filhos	2. Família escolar	2. Famílias com filhos (os mais velhos com menos de 14 anos)
3. Casais com um ou mais filhos adultos e independentes	3. Família ginásial	3. Famílias com filhos (o mais velho entre 14 e 36 anos)
4. Casais envelhecendo	4. Família adulta	4. Famílias velhas

Fonte: Adaptado de Murphy e Staples (1979, *apud* SARAIVA JR., 2005).

A ***expansion era*** ocorreu entre as décadas de 1940 e 1950, aprimorando as classificações com a inclusão de novos estágios, chegando, em geral, a sete estágios distintos. Alguns autores deste período são: Bigelow (1942), Glick (1947) e Duvall (1957). Nos estágios da *expansion era*, observam-se as primeiras menções a eventos ocorridos ao longo do CVF, como aposentadoria, gravidez, nascimento dos filhos, casamento e morte, indicando os seus pontos de corte. A autora mais importante deste período é Duvall, cujos estágios estão descritos no Quadro 2.

Quadro 2 – Estágios de desenvolvimento familiar segundo Duvall

Estágio	Início	Término
1. Casamento em um lar independente (casais sem filhos)	Casamento	Nascimento do filho mais velho
2. Famílias com recém-nascidos ou lactentes	Nascimento do filho mais velho	Filho mais velho com 30 meses
3. Famílias com crianças em idade pré-escolar	Filho mais velho com 30 meses	Filho mais velho com 5-6 anos
4. Famílias com crianças em idade escolar	Filho mais velho com 5-6 anos	Filho mais velho com 13 anos
5. Famílias com filhos adolescentes	Filho mais velho com 13 anos	Filho mais velho com 20 anos
6. Famílias com jovens adultos (famílias como centro de partida)	Filho mais velho com 20 anos ou saída do primeiro filho	Saída do último filho
7. Famílias com casal de meia-idade (“ninho vazio” ou reforma)	Saída do último filho	Aposentadoria
8. Família em envelhecimento	Aposentadoria ou morte de um dos cônjuges	Morte de ambos os cônjuges

Fonte: Adaptado de Duvall (1957) *apud* Relvas (2000).

A *refinement era* é o período que define as fases distintas de modelos de CVF semelhantes, com trabalhos, em geral, entre as décadas de 1960 e 1980. Neste terceiro período, os autores preocuparam-se em refinar as classificações com uma quantidade maior de estágios, que representassem um “maior número de domicílios e novos arranjos familiares” (SARAIVA JR. 2005, p. 29). Alguns autores são Rodgers (1962), Fitzsimons e Williams (1973), Murphy e Staples (1979) e Gilly e Ennis (1982). A classificação de Rodgers é, provavelmente, o maior exemplo de refinamento dos estágios do CVF, concebido com o objetivo de que nenhuma das etapas do ciclo de vida escapasse a qualquer pesquisa familiar (Quadro 3).

Quadro 3 – Estágios do ciclo de vida familiar segundo Rodgers

Estágio	Subdivisão
1. Casais sem filhos	
2. Famílias com todos os filhos com menos de 36 meses	
3. Famílias pré-escolares	a) Filho mais velho de 3 a 6 anos e mais novo com menos de 36 meses b) todas as crianças de 3 a 6 anos
4. Famílias com idade escolar	a) Filho mais velho de 6 a 13 anos e mais novo com menos de 36 meses b) Filho mais velho de 6 a 13 anos e mais novo de 3 a 6 anos c) Todas as crianças de 6 a 13 anos
5. Famílias com adolescentes	a) Filho mais velho de 13 a 20 anos e mais novo com menos de 36 meses b) Filho mais velho de 13 a 20 anos e mais novo de 3 a 6 anos c) Filho mais velho de 13 a 20 anos e mais novo de 6 a 13 anos d) Todas as crianças de 13 a 20 anos
6. Famílias com jovens adultos	a) Filho mais velho acima de 20 anos e mais novo com menos de 36 meses b) Filho mais velho acima de 20 anos e mais novo de 3 a 6 anos c) Filho mais velho acima de 20 anos e mais novo de 6 a 13 anos d) Filho mais velho acima de 20 anos e mais novo de 13 a 20 anos e) Todos os jovens acima de 20 anos
7. Famílias com filhos saindo de casa	a) Filho mais velho sai de casa e mais novo com menos de 36 meses b) Filho mais velho sai de casa e mais novo de 3 a 6 anos c) Filho mais velho sai de casa e mais novo de 6 a 13 anos d) Filho mais velho sai de casa e mais novo de 13 a 20 anos e) Filho mais velho sai de casa e mais novo acima de 20 anos
8. Meia-idade (todos os filhos saem de casa)	
9. Envelhecimento do casal (da aposentadoria à morte de um cônjuge)	
10. Viuvez (da morte de um cônjuge à morte do outro)	

Fonte: Adaptado de Murphy e Staples (1979) *apud* SARAIVA JR. (2005, p. 30).

Praticamente esgotadas as tentativas de refinamento dos estágios do CVF, os teóricos deixaram de preocupar-se em estabelecer numerosas etapas, a não ser que caracterizassem melhor os estudos específicos, sendo, portanto mais simples. Em geral, os modelos são mais simples, embora

específicos para determinada finalidade. Neste sentido, o autor deste trabalho sugere que, estendendo o trabalho de Murphy e Staples (1979), seja considerada a existência de um quarto período de elaboração de classificações, denominado *specific era*, que encontra a maior parte das expressões na década de 1980 até os dias atuais. Como exemplos, os trabalhos de: Wright e Leahey (1984), Carter e McGoldrick (1989), Dubois (1994), Wilkes (1995), Cerveny e Berthould (1997) e Blackwell, Miniard e Engel (2001). Como o presente trabalho utilizou uma adaptação das classificações de Duvall e Carter e McGoldrick, os estágios destas últimas autoras ilustrarão este período adiante (Quadro 5), com as devidas mudanças observadas nos estágios do CVF.

6. METODOLOGIA

O objeto de estudo foi a população urbana de Bambuí-MG (Centro-Oeste de Minas Gerais), descrita através do estabelecimento de um padrão de consumo familiar dentro dos estágios do CVF e levando em conta os seus níveis de renda. A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2010 e os componentes da estrutura de consumo pesquisados estão descritos no Quadro 4.

Quadro 4 – Componentes da estrutura de consumo familiar

Item	Observações
Alimentação	Dentro ou fora do domicílio
Habitação	Aluguel, limpeza, manutenção, serviços e taxas, eletrodomésticos, IPTU, outras despesas.
Vestuário	Roupas, calçados, jóias, acessórios.
Transporte	Coletivo, combustível, aquisição de veículos, seguro, manutenção, impostos.
Higiene e cuidados pessoais	Artigos de higiene e beleza.
Assistência à saúde	Remédios, planos de saúde, consultas e exames.
Educação	Educação regular, outros.
Recreação e cultura	Brinquedos, jogos, CD, DVD, clube, cinema, teatro, eventos.
Fumo	Despesas destinadas ao fumo.
Serviços pessoais	Cabeleireiro, manicure, barbeiro, sapateiro.
Despesas diversas	Festas familiares, religiões, profissionais, funerária, presentes, jogos e apostas, viagens e mudanças, animais e plantas, outras.
Outras despesas	Contribuições trabalhistas, empregados domésticos, pensões, mesadas, prestações, serviços financeiros, outras.
Diferença renda/consumo	Diferença positiva ou negativa entre a renda líquida e o total de despesas mencionado
Poupança	Total destinado à poupança.

Fonte: Adaptado da POF 2002/2003 (IBGE, 2003)

A população foi segmentada mediante cinco estratos de estágios do CVF e três estratos de níveis de renda, formando quinze subestratos, os quais, combinando as duas variáveis, compõem nova variável, o que diferenciou subestratos específicos, com comportamentos específicos.

Os estágios do CVF utilizados estão dispostos no Quadro 5. O primeiro estágio de Carter e McGoldrick, que contempla o jovem adulto solteiro, foi eliminado da pesquisa porque diverge do conceito de família adotado⁶. O quinto estágio das autoras (o quarto nesta pesquisa) foi renomeado para “ninho vazio” para atender as famílias que não possuem filhos.

Quadro 5 – Estágios do ciclo de vida familiar utilizados

ESTÁGIO		INÍCIO	TÉRMINO
1	Famílias recém-formadas (novo casal)	Formação do casal (sem filhos)	Nascimento do filho mais velho, início da coabitação com netos/sobrinhos ou, se não houver filhos, cônjuge mais velho com 45 anos.
2	Famílias com filhos pequenos	Nascimento do filho mais velho ou início da coabitação com netos/sobrinhos até 12 anos.	Filho ou neto/sobrinho coabitante mais novo com 13 anos.
3	Famílias com adolescentes	Filho ou neto/sobrinho coabitante mais novo com 13 anos.	Filho ou neto/sobrinho coabitante mais novo com 20 anos, saída do primeiro filho ou neto/sobrinho coabitante ou aposentadoria de um dos cônjuges. Se não houver filhos, cônjuge mais velho entre 45 e 64 anos.
4	Ninho vazio	20 anos do filho ou neto/sobrinho coabitante mais novo ou saída do primeiro filho ou neto/sobrinho coabitante. Se não houver filhos, cônjuge mais velho entre 45 anos e 64 anos.	Aposentadoria ou idade de 65 anos ou mais de um dos cônjuges.
5	Famílias no estágio tardio (ou, simplesmente, estágio tardio)	Aposentadoria ou idade de 65 anos de um dos cônjuges, desde que não haja presença de filhos pequenos.	Morte de ambos os cônjuges.

Fonte: Adaptado de Carter e McGoldrick (1995) e Duvall (1957, apud RELVAS, 2000).

Diferentes arranjos familiares podem surgir durante a pesquisa, alguns dos quais classificados previamente dentro dos estágios do CVF (Quadro 6). Foram eliminados da pesquisa os

⁶ “Um grupo de duas ou mais pessoas ligadas pelo mesmo tipo de sangue, pelo casamento ou pela adoção, que vivem juntas” (BLACKWELL et al., 2009, p. 377).

domicílios em que havia apenas irmãos ou outros parentes por consanguinidade morando juntos porque grande parte do consumo dos indivíduos de tais residências são independentes entre si e o centro de decisão de gastos é descentralizado como se fossem duas famílias unipessoais no mesmo domicílio, o que acaba por não coincidir com o conceito utilizado.

Quadro 6 – Classificação dos possíveis arranjos familiares nos estágios de ciclo de vida

	ESTÁGIO	ARRANJOS
0	Eliminado	Jovem adulto(a) solteiro(a); divorciado(a) sozinho(a); idoso(a) sozinho(a) sem ter formado família anteriormente; indivíduos morando juntos sem vínculo de afinidade, adoção ou consanguinidade; irmãos ou outros parentes por consanguinidade morando juntos sem filhos.
1	Famílias recém-formadas	Casal recente.
2	Famílias com filhos pequenos	Família nuclear; família monoparental oriunda ou não do divórcio ou da viuvez; família estendida.
3	Famílias com adolescentes	Família nuclear; família monoparental oriunda ou não do divórcio ou da viuvez; família estendida.
4	Ninho vazio	Família nuclear; casal de meia-idade que teve ou não filho(s); família monoparental oriunda ou não do divórcio ou da viuvez; viúvo(a) sozinho(a) que já formou família anteriormente; família estendida.
5	Famílias no estágio tardio	Casal idoso; idoso(a) coabitando com filhos adultos solteiros ou oriundos do divórcio ou da viuvez; idoso(a) sozinho(a) que formou família anteriormente.

Fonte: Autor (2010).

Os níveis de renda utilizados neste trabalho foram baseados em uma adaptação das classes econômicas adotadas pela PNAD/IBGE de 2007 (Tabela 2).

Tabela 2 – Níveis de renda utilizados na pesquisa

1.1. Classe IBGE código	1.2. Classe IBGE Nome	Limite inferior 2007 (R\$) ^a	Limite superior 2007 (R\$) ^a	Qtde. SM ^b	Classe utilizada	Qtde. SM	Limite inferior 2010 (R\$) ^c	Limite superior 2010 (R\$) ^c
1.3. A/B	Alta	4.591,01	–	> 12	A	>12	6.120,01	–
C	Média	1.064,01	4.591,00	3-12	B	3-12	1.530,01	6.120,00
D	Média baixa	768,01	1.064,00	2-3	C	0-3	–	1.530,00
E	Baixa	–	768,00	0-2				

^a Fonte: PNAD/IBGE (2007b).

^b Quantidade aproximada de salários mínimos → (a) limite inferior / 372,5. O salário mínimo médio de 2007 foi de R\$ 372,50.

^c Valores estimados para 2010 → (b) * 510,00. Intervalos utilizados na pesquisa.

Realizando o cruzamento dos níveis de renda e dos estágios do CVF, os quinze subestratos resultantes foram formados conforme o disposto na Tabela 3.

Tabela 3 – Subestratos da pesquisa

	Nível de Renda C	Nível de Renda B	Nível de Renda A
Estágio C. Vida 1	C1 → sub-estrato 1	B1 → sub-estrato 2	A1 → sub-estrato 3
Estágio C. Vida 2	C2 → sub-estrato 4	B2 → sub-estrato 5	A2 → sub-estrato 6
Estágio C. Vida 3	C3 → sub-estrato 7	B3 → sub-estrato 8	A3 → sub-estrato 9
Estágio C. Vida 4	C4 → sub-estrato 10	B4 → sub-estrato 11	A4 → sub-estrato 12
Estágio C. Vida 5	C5 → sub-estrato 13	B5 → sub-estrato 14	A5 → sub-estrato 15

Fonte: Autor (2010)

A população do presente estudo são 5.957 famílias urbanas do município de Bambuí. O número de domicílios foi obtido pela proporção estimada da população urbana em relação à população total do Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2001), considerando a proporção de 81,45% da população urbana sobre total em Bambuí e 82% em Minas Gerais, que há 7313 famílias residentes no município e que o número de filhos da zona urbana não difere muito da zona rural⁷. A amostra, com nível de significância de 95% e erro de 5%, ficou em 190 domicílios, calculada de acordo com Stevenson (1981).

⁷ PNAD de 2006 (IBGE, 2007).

As informações foram obtidas através de entrevistas com a pessoa de referência ou com seu cônjuge acerca dos membros da família, considerando netos e sobrinhos coabitantes como filhos para fins de consumo. Segundo a POF 1995-1996 (IBGE, 1997), a pessoa de referência da família é “a pessoa responsável pelas despesas com habitação (...) ou aquela indicada pelos membros da família”.

7. RESULTADOS

Neste item, será apresentado o perfil das famílias e o padrão de consumo familiar em função do nível de renda, dos estágios do CVF e dos substratos por formados por estas variáveis.

7.1 Perfil das famílias entrevistadas

Do total das famílias, 64,2% tinham como pessoa de referência homens e 35,8% mulheres. Poucos foram os casos em que a mulher ganhava mais ou o mesmo que o homem e, mesmo assim, na maioria destes casos, era difícil definir percentuais distintos de ganho, pois tinham a mesma fonte de renda, como um estabelecimento comercial familiar, por exemplo. Das famílias pesquisadas, 70% eram casados (forma civil ou união estável), 9,5% divorciados ou separados, 17,4% viúvos e 3,2% solteiros.

Em termos de arranjos familiares, a família nuclear composta foi maioria, com 40,5% dos casos, como pode se atestar pela Figura 1. Das 190 famílias, 77,9% famílias possuíam filhos, netos ou sobrinhos em casa, o que faz direcionar bastante o consumo para recreação e cultura, habitação e vestuário, como será visto adiante. A diferença entre esses percentuais se deve à grande quantidade de famílias no estágio tardio que possuíam filhas ou filhos divorciados ou viúvos. A família monoparental foi mais verificada nas famílias de renda baixa, onde a instabilidade financeira pode causar separações/divórcios e a falta de cuidados com a saúde ou o tipo de atividade profissional exercida podem gerar casos de viuvez, levando a essa frequência.

Metade das pessoas de referência possuía ensino fundamental incompleto, denotando nível de escolaridade baixa. Destes, 75,8% tinham entre 40 e 80 anos, enquanto a maioria dos que

possuíam ensino fundamental completo, médio e superior tinham entre 30 e 60 anos. Apenas 13,7% dos indivíduos possuíam títulos acima do ensino médio.

Entre as famílias pesquisadas, a renda bruta familiar média total foi de R\$ 2.337,17, menor do que a renda média do brasileiro de 2008/2009, que foi de R\$ 2.763,47 (IBGE, 2010), tendo como renda máxima de R\$15.826,81 e renda mínima R\$ 400,00. Das famílias pesquisadas, 4,7% são do nível de renda A, 47,9% do nível B e 47,9% do nível C.

Quanto aos estágios do CVF, a maioria das famílias encontrava-se no estágio tardio (32,6%), evidenciando uma população madura (Figura 1). Uma importante observação é que boa parte das famílias classificadas no estágio 2 (famílias com filhos pequenos) tinham como pessoa de referência idosos, o que, com outra metodologia, aumentaria ainda mais a frequência das famílias no estágio tardio.

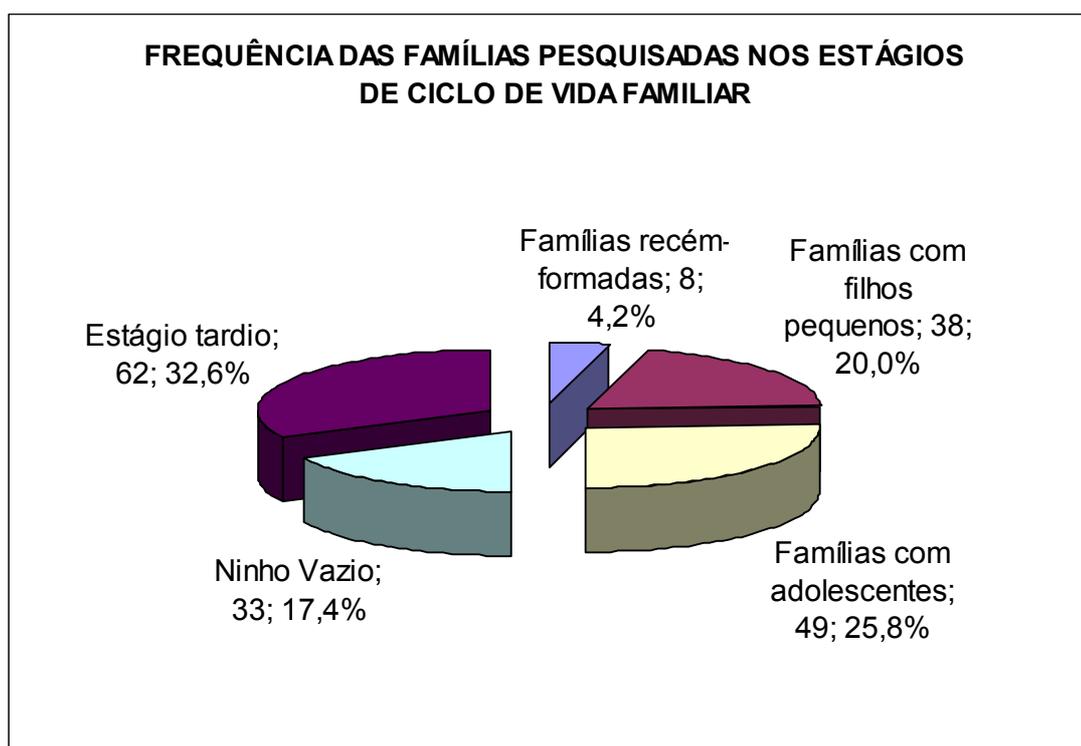


Figura 1 – Frequência absoluta e relativa das famílias pesquisadas nos estágios do ciclo de vida familiar

Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se baixa participação das famílias recém-formadas, o que poderia indicar que muitas das famílias do município poderiam ser formadas a partir da concepção de filhos ou que o primeiro filho nascesse logo após a união. Entretanto, como o número de famílias com filhos pequenos não é tão significativo (20%) para comprovar esta hipótese, isso leva a crer que a população bambuiense é, de fato, mais madura, levando em conta que metade das famílias se encontra nos dois estágios finais (50%).

7.2 Análise do padrão de consumo das famílias em função da renda familiar

Analisando o consumo familiar em função da renda, pôde-se perceber que os gastos com necessidades básicas, como alimentação (primeira lei de Engel), habitação, higiene e saúde foram maiores nas famílias de renda baixa, enquanto as maiores despesas com os itens considerados de luxo no município, como transportes, educação particular, recreação e poupança ficaram com as famílias de renda média e alta (Tabela 4). A partir dos dados, pode-se relatar algumas observações importantes para o contexto deste trabalho.

Tabela 4 – Consumo familiar em função dos níveis de renda nas famílias entrevistadas – Bambuí-MG

Itens da despesa	Despesa média mensal (%)			
	Total	Nível de renda		
		C	B	A
Alimentação	25,3	31,6	20,1	14,4
Habitação	22,1	26,0	19,0	13,0
Vestuário	5,5	5,4	5,7	5,3
Transportes	7,7	4,7	10,3	11,3
Higiene e Cuidados Pessoais	3,7	4,5	3,0	1,8
Assistência à Saúde	7,5	8,3	6,7	7,9
Educação	2,8	1,5	4,0	4,7
Recreação e Cultura	1,7	1,4	2,0	2,7
Fumo	1,3	1,7	1,0	0,2
Serviços Pessoais	1,5	1,5	1,6	1,2
Despesas Diversas	5,9	4,7	7,2	5,5
Outras Despesas	6,8	4,1	8,3	19,0
Diferença renda/consumo	1,7	-0,2	3,8	0,1
Poupança	6,4	4,9	7,3	13,0

Fonte: Dados da pesquisa.

A **alimentação** seguiu a primeira lei de Engel, diminuindo com a renda, mas ficou além do percentual brasileiro de 17,1% (Tabela 1). Como os gastos com **transportes** foram cerca de metade da média brasileira (7,7% contra 15,19%), esse fato pode ter beneficiado o consumo de alimentos e outros itens, sobretudo em uma cidade de pequeno porte, cujo deslocamento é facilitado. Numa cidade tipicamente rural, muitas eram as pessoas que traziam ou ganhavam produtos “da roça”. Os percentuais de consumo das famílias de renda mais baixa com alimentos também foi superior à média brasileira (31,6% contra cerca de 30%), o que não significa necessariamente que se alimentavam melhor, embora os produtos sejam mais naturais.

A segunda lei de Engel não funcionou para a **habitação**, já que os percentuais caíram com a renda, o que se observa também na pesquisa nacional. Isso também ocorreu com os índices de **higiene e cuidados pessoais**. Porém, os gastos com a higiene eram bem maiores que a média brasileira e decresciam significativamente com a renda, o que confirmou a tendência da observação de que, na cidade pesquisada, os produtos de higiene e beleza eram considerados mais uma necessidade do que um luxo. Os gastos com **vestuário** obedeceram à terceira lei de Engel, permanecendo praticamente a mesma nos três níveis de renda, assim como nos **serviços pessoais**, ligados intimamente ao vestuário.

Na **saúde**, os gastos das famílias de renda média foram pouco menores que nas famílias de renda baixa e alta, pois, no nível de renda C, estavam a maioria das famílias no estágio tardio, que gastam mais com saúde e, no estrato A, as maiores rendas destas famílias permitiram gastos maiores com planos de saúde. Os percentuais de Bambuí eram superiores à média brasileira. As famílias de renda baixa têm maior percentual de gasto com remédios, pois utilizam-se da rede pública de saúde, enquanto os de renda alta utilizam-se da rede privada.

As famílias de renda alta e de renda média gastaram bem mais com **educação** do que as famílias de renda baixa. Vários fatores podem explicar essa diferença: 1) a renda maior das classes A e B permitiram gastos com educação particular e a consolidação da busca por uma escolaridade maior; 2) nas famílias de renda baixa, havia muitas famílias no estágio tardio, que possuíam escolaridade baixa e não buscavam aumentá-la; 3) a maior parte das famílias de renda baixa utilizava-se do ensino público, que oferecia cursos de nível fundamental e médio para todos os estudantes, inclusive para jovens e adultos. Em relação à média brasileira, o percentual de gasto das famílias de renda média foram superiores às nacionais, mas a média global foi inferior.

Os gastos com **recreação**, como enunciado na quarta lei de Engel, aumentaram com a renda, o mesmo ocorrendo com a **poupança**, as **despesas diversas**, notadamente no subitem viagens, e as **outras despesas**, que incluem empregados domésticos e mesadas, por exemplo (Tabela 4). Já os gastos com **fumo** decresceram com a renda, o que significa que as famílias de renda alta não consumiram cigarros de luxo nem em maior quantidade. Enquanto a recreação e o fumo acompanharam a média brasileira, os gastos com outras despesas, onde se encontram parte dos artigos de luxo, tiveram percentuais maiores nas famílias de renda mais alta, refletindo o custo de vida mais baixo em cidades de pequeno porte.

As famílias de renda baixa, por sua vez, foram as que mais fizeram **caridade** ou contribuíram com suas igrejas. Portanto, predominaram neste item as famílias de renda média.

Em termos de renda, o caso mais interessante foi o da família nº 180, que era monoparental, cuja pessoa de referência, a mãe, solteira, com 37 anos e ensino fundamental incompleto, possuía quatro filhos com 17, 14, 13 e 12 anos. Os adolescentes eram de três pais diferentes, que pagam, respectivamente, R\$ 150,00, R\$ 100,00 e R\$ 80,00 (2 x R\$ 40,00) para a mãe. Como o atual namorado ajuda com R\$ 200,00, a renda da família era de R\$ 530,00. Havia gastos como R\$ 87,00 para internet, R\$ 45,00 para fumo e R\$ 130,00 para prestações, enquanto o gasto declarado com alimentação de cinco pessoas foi de R\$ 170,00, ilustrando o desequilíbrio orçamentário de muitas famílias pesquisadas.

7.3 Análise do padrão de consumo das famílias em função dos estágios do ciclo de vida familiar e em função dos substratos formados pela combinação entre níveis de renda e estágios do ciclo de vida familiar

As famílias, em geral, gastaram diferentemente, dependendo do estágio do CVF em que se encontravam. É possível observar que, em alguns itens básicos, como a alimentação, os percentuais pouco se alteraram, mas, em outros, típicos de alguns estágios, como a saúde, as diferenças foram consideráveis (Tabelas 5 e 6).

Tabela 5 – Consumo familiar por item de despesa em função dos estágios do ciclo de vida familiar entre os entrevistados – Bambuí-MG

Itens da despesa	Despesa média mensal (%)					
	Total	Estágios do ciclo de vida familiar				
		1	2	3	4	5
Alimentação	25,3	24,8	23,0	27,4	24,7	25,4
Habitação	22,1	26,7	23,9	24,3	21,3	18,9
Vestuário	5,5	5,9	6,4	6,6	5,2	4,3
Transportes	7,7	12,2	5,9	8,8	7,7	7,4
Higiene e Cuidados Pessoais	3,7	4,3	3,8	3,1	3,8	3,9
Assistência à Saúde	7,5	2,4	6,1	4,9	6,4	11,5
Educação	2,8	2,9	3,9	4,8	2,7	0,8
Recreação e Cultura	1,7	1,0	2,5	1,8	1,3	1,6
Fumo	1,3	0,0	1,0	1,3	2,1	1,3
Serviços Pessoais	1,5	2,3	1,4	1,5	1,3	1,7
Despesas Diversas	5,9	6,7	5,4	5,5	4,8	7,2
Outras Despesas	6,8	7,0	7,3	4,4	13,5	4,9
Diferença renda/consumo	1,7	2,9	1,0	1,7	0,5	2,7
Poupança	6,4	0,8	8,5	4,1	4,8	8,6

1 Famílias recém-formadas

2 Famílias com filhos pequenos

3 Famílias com adolescentes

4 Ninho vazio

5 Famílias no estágio tardio

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 6 – Consumo familiar por item de despesa em função dos substratos entre os entrevistados – Bambuí-MG

Itens da despesa	Despesa média mensal (%)															
	Total	Nível de renda (salários mínimos) x estágio do ciclo de vida familiar														
		C1	B1	A1	C2	B2	A2	C3	B3	A3	C4	B4	A4	C5	B5	A5
Alimentação	25,3	30,7	21,3	0,0	30,0	19,0	10,3	35,8	22,7	10,9	29,3	19,6	25,4	31,0	18,2	15,3
Habitação	22,1	42,9	17,0	0,0	27,4	22,0	17,8	27,3	23,7	9,9	28,6	15,1	9,8	22,0	14,8	14,1
Vestuário	5,5	6,6	5,5	0,0	6,4	6,8	3,4	6,4	6,5	8,6	5,7	4,8	4,0	4,1	4,5	4,2
Transportes	7,7	1,7	18,5	0,0	4,6	6,1	12,2	5,0	11,1	14,2	5,7	9,9	6,6	4,4	11,4	9,7
Higiene e Cuidados Pessoais	3,7	5,6	3,6	0,0	4,7	3,4	1,9	3,5	2,9	2,1	4,6	3,3	0,7	4,8	2,6	2,2
Assistência à Saúde	7,5	2,9	2,1	0,0	5,3	5,6	13,7	4,9	5,1	4,1	7,6	5,3	5,8	12,3	10,8	5,7
Educação	2,8	2,3	3,3	0,0	2,7	4,8	4,3	3,2	5,5	9,0	1,0	4,8	0,4	0,1	1,6	1,4
Recreação e Cultura	1,7	1,2	0,9	0,0	2,3	2,4	3,7	1,3	2,0	2,8	1,0	1,6	0,4	1,2	2,0	3,6
Fumo	1,3	0,0	0,0	0,0	0,2	1,8	0,0	2,2	0,7	0,0	3,3	1,0	0,8	1,5	1,1	0,1
Serviços Pessoais	1,5	1,9	2,6	0,0	1,5	1,4	1,2	1,0	1,8	1,6	1,3	1,4	0,6	1,7	1,6	1,1
Despesas Diversas	5,9	5,0	7,7	0,0	4,3	6,2	5,6	5,0	6,0	4,5	2,2	7,5	6,3	5,8	9,0	6,5
Outras Despesas	6,8	0,8	10,7	0,0	3,9	8,5	17,8	3,1	4,2	14,1	8,3	16,8	30,6	3,2	6,8	14,2
Diferença renda/consumo	1,7	-1,6	5,7	0,0	0,2	1,9	0,0	-0,5	3,6	0,8	-2,0	3,4	-1,0	0,8	5,2	0,4
Poupança	6,4	0,0	1,2	0,0	6,6	10,1	7,9	1,7	4,3	17,5	3,5	5,6	9,6	7,1	10,3	21,6

Fonte: Dados da pesquisa.

A **alimentação** não sofreu grandes alterações, sendo o maior percentual ocorrido nas famílias com adolescentes, cuja pequena diferença pode ser explicada pela maior frequência de alimentação fora de casa neste estágio em relação aos demais estágios, sobretudo de alimentos pouco nutritivos, como sanduíches e refrigerantes, indo de encontro ao que expõe o trabalho de Solomon (2008), que contrapõe este estágio ao das famílias com filhos pequenos, que consomem alimentos mais saudáveis. Como os alimentos mais saudáveis são obtidos, em boa parte, através do contato com o meio rural e os pouco nutritivos não, este fato também pode contribuir para explicar a diferença encontrada.

Em todos os substratos do CVF x renda, a alimentação teve maior participação nas famílias de renda baixa, caindo significativamente com a renda, exceto nas famílias de ninho vazio de renda alta e no estágio tardio, porque os entrevistados incluíram na alimentação (e não nas festas familiares) os gastos com filhos nos finais de semana e períodos de férias que visitavam os pais com frequência.

As proporções sobre a renda das famílias do item **habitação** foram maiores nos estágios iniciais e menores nos estágios finais. À medida que as famílias envelhecem e vão comprando ou quitando seus imóveis, o gasto com aluguéis ou prestações reduz gradativamente. Dificilmente, as famílias de renda baixa e média de Bambuí adquiriram um segundo imóvel, como disseram Blackwell, Miniard e Engel (2009), em relação ao seu estudo norte-americano. Inclusive, o consumo de **habitação** caiu nos substratos de baixa renda. Pela impossibilidade de arcar com as despesas de aquisição de imóveis, o aluguel preponderou nestas famílias em todos os substratos.

No item **vestuário**, os maiores percentuais aconteceram onde estão os filhos, como retratam os autores supracitados, e menores no estágio tardio. O mesmo fenômeno ocorreu com a **educação**, pois muitos dos filhos pequenos ou adolescentes estudavam em escolas particulares. Os gastos com **higiene** e com **serviços pessoais** não apresentaram significativas alterações nos estágios do CVF.

Os gastos com **recreação** também acompanharam também foram maiores onde havia filhos, que realizam mais atividades de lazer que adultos e idosos. O baixo índice de consumo de recreação e cultura se deveu à maior quantidade de famílias no estágio tardio e de renda baixa.

Estes gastos aconteceram mais nos substratos onde havia a presença de filhos ou de renda alta, cujas famílias possuíam melhores condições de oferecer oportunidades de lazer ou cujos membros aposentados aproveitavam seu ócio.

Notadamente, à exceção das famílias recém-formadas, havia mais **fumo** onde havia menos recreação. Por outro lado, observou-se que os mais velhos fumavam mais que os jovens. Nas famílias recém-formadas, não houve nenhum caso de fumo entre os membros, pois a cultura antitabagista recente fez com que as pessoas mais novas fumassem menos, o que foi identificado com clareza entre os entrevistados. Uma observação interessante quanto aos dois itens é que, nos casos em que as famílias que gastavam com pelo menos algum deles, em 86,3% dos domicílios um item excluía o outro, ou seja, ou se gastava com recreação ou com o fumo, o que sugere que ambos eram bens substitutos. Foi observado também que, em 25,8% das famílias, pelo menos um membro fumava e, em quase metade das famílias (48,4%) houve consumo de recreação ou cultura de alguma natureza.

Os gastos com **transporte** não foram semelhantes nos estágios. As famílias recém-formadas, em geral, possuíam percentuais maiores por causa da busca por maior escolaridade, seja por gastos com combustíveis ou transporte coletivo privado. Quando os filhos pequenos chegam, mas a estabilidade financeira ainda não, os gastos com transporte deixam de ser prioridade, porque as perspectivas de futuro fazem com que saúde e poupança sejam mais importantes.

O item **saúde** é típico de variação com os estágios do CVF. As famílias recém-formadas, sem filhos e com cônjuges ainda jovens, possuíam um percentual bem menor que a média total. No segundo estágio, o percentual subiu em virtude da presença de filhos e dos idosos que coabitam com netos, como no estudo de Karsaklian (2009), que divide este estágio em dois. Nos estágios finais, a idade dos cônjuges exigiu maiores gastos com saúde, como expõem Blackwell, Miniard e Engel (2009).

As **despesas diversas** tiveram percentuais diferentes, porém, não tão próximos da média como os gastos de alimentação nem tão díspares como os da saúde, por exemplo. As viagens foram o subitem principal, ocorrendo com maior importância nas famílias recém-formadas para estudos, nas famílias no estágio tardio para lazer ou saúde e nas famílias de renda alta principalmente para lazer. No grupo **outras despesas**, a disparidade entre os percentuais foi bem maior. Enquanto as famílias recém-formadas e com filhos pequenos gastaram mais com empregados domésticos, as famílias de ninho vazio pagaram mais mesadas.

As famílias recém-formadas e as famílias com filhos pequenos foram as que mais gastaram com empregados domésticos, os primeiros principalmente com diaristas para que os cônjuges

pudessem trabalhar e os segundos com babás para tomar conta dos filhos pequenos, como observa Solomon (2008). O percentual de gastos com empregados domésticos também foi significativo entre as famílias do estágio tardio, principalmente com diaristas.

As pensões alimentícias foram pagas em maior percentual pelos pais de famílias com filhos pequenos para filhos de outros casamentos ou que viviam com mães solteiras. Há algum gasto com o subitem nas famílias de ninho vazio e nas famílias do estágio tardio, por causa da presença dos filhos homens que voltaram a viver com os pais após os divórcios e separações.

Quem mais poupou foram as famílias no estágio tardio e com filhos pequenos, justamente quem menos utilizou de empréstimos pessoais. Nas famílias no estágio tardio, os gastos, em geral, diminuíram consideravelmente, transferindo-se para a **poupança**. As famílias do substrato A5 (famílias no estágio tardio e de renda alta) possuíam muitos motivos para poupar: 1) gastavam relativamente pouco com alimentação e habitação, pois muitos dos filhos e ex-cônjuges já haviam saído de casa ou falecido e a casa própria já havia sido quitada; 2) gastavam pouco com vestuário, higiene e cuidados pessoais e serviços pessoais, porque já não estavam tão preocupados com a aparência como nos estágios iniciais; 3) praticamente não estudavam nem fumavam; 4) e nem gastavam tanto assim com a assistência à saúde. Porém, precisavam de empregados domésticos e ainda davam mesadas para os filhos ou netos que moravam fora, o que fez crescer seus gastos com o item outras despesas.

8. CONCLUSÕES

A pessoa de referência típica das famílias bambuienses urbanas, no momento da pesquisa, era um indivíduo do sexo masculino, com idade entre 40 e 70 anos, ativo, casado, com ensino fundamental incompleto e com até 2 filhos com idade média de 25 anos. A sua família era nuclear composta, sem agregados, pertencente ao estágio tardio e possuindo renda baixa ou média. Portanto, a família típica de Bambuí pertencia aos substratos C5 ou B5.

Em função dos resultados obtidos pela pesquisa, observou-se que as variáveis renda e estágio do CVF afetaram sobremaneira o comportamento das famílias bambuienses urbanas quanto ao consumo, cada qual com sua parcela em cada uma das despesas familiares e indo de encontro ou contrariando parâmetros nacionais ou teorias já estabelecidas, como já abordado nos resultados.

O consumo com alimentação decresceu com a renda, assim como estabeleceu a primeira lei de Engel. A habitação também decresceu com a renda, contrariando os postulados de Engel, mas também sofreu influência dos estágios do CVF. Os gastos com vestuário foram maiores nos estágios iniciais, principalmente nos estágios em que há a presença de filhos, não sofrendo influência considerável da renda, como diz a terceira lei de Engel. A higiene, ao contrário, não foi influenciada pelos estágios do CVF, mas decresceu com a renda, demonstrando que é um item básico no município. Os serviços pessoais não sofreram influência significativa das duas variáveis.

Outros itens menos básicos sofreram influências distintas das variáveis envolvidas. O transporte cresceu com a renda, mas foi menos influenciado pelos estágios do CVF, embora se pôde notar que os gastos do item estiveram bastante vinculados à necessidade de se deslocar por ocasião de estudos. Os gastos com a saúde privada foram mais influenciados pelos estágios do CVF do que pela renda, encontrando-se principalmente onde estão os membros mais maduros. A educação particular foi influenciada fortemente por ambas as variáveis, crescendo com a renda e presente nos estágios em que havia filhos.

Os gastos com recreação cresceram com a renda e ocorreram mais onde havia filhos pequenos. O fumo também decresceu com a renda e ocorreu mais nas famílias de ninho vazio, nas quais se tornou um substituto para a recreação. As despesas diversas, em geral, foram pouco influenciadas pelas duas variáveis, com exceção das viagens, que cresceram com a renda.

As outras despesas cresceram com a renda, como diz a quarta lei de Engel, e foram influenciadas pelas duas variáveis, principalmente quanto aos empregados domésticos, mesadas, empréstimos pessoais e serviços financeiros. Em relação à renda, quanto mais se gasta, mais se poupa. Em relação aos estágios do CVF, a presença de idosos e de filhos pequenos favoreceu os percentuais de não consumo.

Todos os substratos de renda baixa tiveram, pelo menos, alimentação e habitação em seus maiores percentuais e, dependendo do caso, vestuário e poupança. Eram famílias que consumiam preponderantemente os itens básicos e, sobrando recursos, poupavam, não aumentando significativamente os percentuais de outros itens. As famílias de renda média, além de poupar e consumir os itens básicos, consumiram também itens menos básicos, como transporte, saúde e educação particular e outras despesas. As famílias de renda alta aumentaram ainda mais o consumo de outras despesas e poupança.

Embora o estudo tenha sido realizado em uma cidade de pequeno porte, muitos dos resultados acompanharam as variações obtidas pelo IBGE em 2002/2003 para o Brasil, sobretudo os que envolveram a renda, não obstante outros fatores terem tido sua especificidade dentro da realidade local. Sugere-se que, em uma periodicidade de dez anos, novas pesquisas sejam feitas no município de Bambuí, a fim de que o consumo familiar seja estudado de forma longitudinal, de maneira a também abranger aspectos temporais e acompanhar as variações dos gastos das famílias bambuienses.

O estudo profundo dos resultados a cada década pode se transformar em uma ferramenta importante não somente para a compreensão do fenômeno por parte dos gestores do município, mas também em suporte para políticas públicas que possam suprir as carências de consumo por parte das famílias, principalmente as de baixa renda, seja por maiores oportunidades de educação e saúde, seja por mais opções de lazer, propiciando maior desenvolvimento econômico, melhores condições de emprego e renda e modificando o perfil dominado pelas famílias no estágio tardio e de renda baixa e média.

Sugere-se algumas políticas públicas locais em função dos dados observados, podendo constituírem-se em parâmetros para políticas de outros municípios de porte pequeno ou médio: a) transporte escolar universitário gratuito, já que observa-se que os gastos com transporte caem muito quando da presença de filhos e que o município ainda não oferece ensino público diversificado, tendo que recorrer a faculdades ou universidades próximas; b) uma campanha conjunta de incentivo à recreação e cultura e de antitabagismo, uma vez que foi constatado que são itens substitutos; c) incremento no programa de farmácia pública, visto que os percentuais de gastos com saúde, sobretudo com remédios, são maiores que a média brasileira; d) criação de mais creches públicas, haja vista que as rendas são mais baixas justamente onde estão os filhos pequenos, seja criados pelas pais ou pelos avós; e) criação de uma cartilha de educação financeira, com o fim de ampliar as informações das famílias de renda baixa e ajustar os desequilíbrios orçamentários verificados; f) aproveitar a tendência agropecuária do município, com o fim de abastecer, de forma otimizada, as necessidades nutricionais, por meio de alimentos naturais.

9. REFERÊNCIAS

BENNETT, Peter Dunne; KASSARJIAN, Harold H. **O comportamento do consumidor**. Trad. Vera Maria C. Nogueira e Danilo A. Nogueira. São Paulo: Atlas, 1975.

BLACKWELL, Roger D.; MINIARD, Paul W.; ENGEL, James F. **Comportamento do consumidor**. Trad. de Eduardo Teixeira Ayrosa (coord.). 2ª reimp. da 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009. 606 p.

CARTER, Betty; McGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995. 510 p.

_____. *Family Development*. Filadélfia: Lippincott, 1957. *apud* RELVAS, A. P. **O Ciclo Vital da Família**. *Perspectiva Sistêmica*. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares**: POF 1995-1996, primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

_____. **Pesquisa de Orçamentos Familiares**: POF 1995-1996. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

_____. **Censo Demográfico de 2000**. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.

_____. **Pesquisa de Orçamentos Familiares**: POF 2002-2003, primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: PNAD 2006. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

_____. **Pesquisa de Orçamentos Familiares**: POF 2008-2009, primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

LANSING, John B.; MORGAN, James N. *Consumer finances over the life cycle*. In: CLARK, Lincoln H. **Consumer Behavior: the life cycle and consumer behavior**. 4 ed. New York: New York University Press, 1966. 125 p.

MODIGLIANI, Franco. Life cycle, individual thrift, and the wealth of nations. *The American Economic Review*, n.76, p. 297-313, 1986. *apud* NÉRI, Marcelo; CARVALHO, Kátia; NASCIMENTO, Mabel. **Ciclo da vida e motivações financeiras**: com especial atenção aos idosos brasileiros. Texto para Discussão nº 691. Rio de Janeiro: IPEA, dez. 1999.

MURPHY, P. E.; STAPLES, W. A. *A modernized family life cycle*. *Journal of Consumer Research*, v. 6, pp. 12-22, 1979. *apud* SARAIVA JR., Francisco Ilson. **Em busca de um modelo brasileiro de ciclo de vida familiar para segmentação de mercado**. São Paulo: FGV, 2005. 105 p. Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

NÉRI, Marcelo; CARVALHO, Kátia; NASCIMENTO, Mabel. **Ciclo da vida e motivações financeiras**: com especial atenção aos idosos brasileiros. Texto para Discussão nº 691. Rio de Janeiro: IPEA, dez. 1999.

RELVAS, A. P. *O Ciclo Vital da Família: perspectiva sistêmica*. Porto: Edições Afrontamento, 2000. *apud* SOARES, Hélia Maria. **O acompanhamento da família no seu processo de adaptação e exercício da parentalidade**: intervenção de enfermagem. Porto-Portugal: Universidade do Porto, 2008. Dissertação de candidatura ao cargo de Mestre em Ciências da Enfermagem submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. 221 p.

ROCHA, Everardo; BARROS, Carla. Entre mundos distintos: notas sobre comunicação e consumo em um grupo social. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2008. 229 p.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 1989. 331 p.

SARAIVA JR., Francisco Ilson. **Em busca de um modelo brasileiro de ciclo de vida familiar para segmentação de mercado**. São Paulo: FGV, 2005. 105 p. Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

*Recebido em 04 de Abril de 2011 Aceito em 02 de Fevereiro de 2012.